



# INFORMALIDADE E PERIFERIA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Projeto Reconexão Periferias  
Fundação Perseu Abramo



**Questão central: Quem são, como vivem e o que pensam os trabalhadores e trabalhadoras informais das periferias do Brasil?**

Pesquisa realizada no âmbito do Projeto Reconexão Periferias, durante o segundo semestre de 2018.



# Objetivos

- Ter uma perspectiva ampla sobre o perfil socioeconômico atual do trabalhador informal da periferia e sua evolução nos últimos 16 anos, que pudesse contemplar a evolução de suas condições de trabalho (extensão, intensidade, custos, riscos, saúde do trabalhador, segurança, remuneração).
- Situar a informalidade na constituição do território e da própria definição de periferias, buscando visualizar a concentração racial e territorial do trabalho informal.
- Ter maior conhecimento sobre as percepções políticas de trabalhadores informais, conhecendo suas formas de organização política, sejam elas “tradicionais” e as que escapam aos modelos clássicos de sindicatos e associações, assim como formas de resistência à exploração do trabalho.
- Compreender como os trabalhadores informais se posicionam sobre a atual e passada conjuntura política e econômica nacional.
- Mapear as conexões do trabalho informal com cadeias produtivas em diferentes setores econômicos.



# Objetivos

- Compreender as caracterizações tipicamente femininas e masculinas associadas ao trabalho informal.
- Mapear impactos do desenvolvimento tecnológico no trabalho informal.
- Mapear impactos da reforma trabalhista no trabalho informal.
- Compreender as relações que o trabalhador faz entre suas realizações pessoais ou não realizações e o contexto social, como relaciona a perspectiva sobre sua trajetória pessoal com uma perspectiva macrossocial.
- Compreender as percepções e o envolvimento subjetivo do trabalhador com a sua condição de informalidade, em termos de reconhecimento, realização, constituição de sua identidade.
- Detectar tendências ao engajamento sobre determinadas pautas. Investigar os gatilhos para engajamento e formas de organização coletiva.
- Traçar relações entre a condição de informalidade e as perspectivas do trabalhador sobre seu futuro.

# Metodologia

- Pesquisa qualitativa composta por Entrevistas em Profundidade com roteiro semi-estruturado, para construção de história de vida e estudos de trajetória dos entrevistados e entrevistadas.
- Os pesquisadores foram orientados seguindo um manual de pesquisa elaborado pela supervisão e coordenação da pesquisa, incluindo o roteiro de entrevista, roteiro de pré-análise, orientações para aplicação dos roteiros e embasamento teórico-metodológico da pesquisa.

## Referências Bibliográficas para construção de metodologia:

- ABILIO, L..C. Dos traços da desigualdade ao desenho da gestão: trajetórias de vida e programas sociais na periferia de São Paulo. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas.
- LAHIRE, Bernard. Retratos sociológicos: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004
- LEPETIT, Bernard. Por uma história urbana. São Paulo: EDUSP, 2001.
- MILANEZ, Gabriel Gustavo Tosoni. Trajetórias pós-ProUni: um estudo sobre egressos do Programa Universidade Para Todos na cidade de São Paulo. 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- REVEL, Jacques. Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

# Desenho de pesquisa

- 31 entrevistas em profundidade, tendo como público-alvo trabalhadores informais distribuídos nas seguintes categorias por Região do Brasil, com filtro de gênero preestabelecido.
- Pesquisadores e pesquisadoras foram orientados e orientadas a não entrevistar apenas indivíduos brancos ou brancas. Entrevistados e entrevistadas assinaram termo de consentimento livre e esclarecido, no qual a Fundação Perseu Abramo se comprometeu a garantir o anonimato da/o entrevistada/o.

Região	Estado	Categoria	Número de Entrevistas	Gênero
Norte	PA	Construção	3	M
Nordeste	PB	Construção	2	M
		Confecção	2	1M 1F
	PE	Confecção	2	1M 1F
	PB	Motoboy/Mototáxi	1	M
	MA	Motoboy/Mototáxi	2	M
	Sul	RS	Confecção	3
Sudeste	SP	Vendedor Ambulante	2	1M 1F
			1	F
		Motoboy/Mototáxi	2	M
	Manicure	2	F	
	RJ	Vendedor Ambulante	2	1M 1F
		Trabalhadoras Domésticas	3	F
Centro-Oeste	GO	Construção	1	F
	GO	Manicure	3	F

# Hipótese 1

## Trabalhadores/as informais têm formas de organização e resistência coletiva que são pouco reconhecidas.



- Há diferenças significativas sobre a organização e resistência coletiva dentro do conjunto de trabalhadores/as pesquisados/as.
- Nos ambulantes das duas capitais, São Paulo e Rio de Janeiro, percebe-se um grau elevado de organização, que se dá pelos seguintes fatores: necessidade de proteção devido aos abusos cometidos por autoridades; pertencimento ao local, no caso de pontos em ruas, box em galerias e feiras (no segundo e terceiro caso predominam as associações ligadas ao local, que garantem segurança e solução para questões estruturais). Já entre os trabalhadores/as da construção civil não há qualquer organização política, ocorrendo o mesmo com as empregadas domésticas, que a dinâmica de trabalho individualizada e em bairros nobres têm dificuldades para encontro com demais empregadas durante sua jornada, para uma tentativa de organização.
- Há a experiência de coletivos de trabalhadoras de confecções, associativismos e ONGs, experiência apresenta pontos positivos e negativos.
- Chama a atenção as manicures, que não se organizam coletivamente, mas isso não significa aceitação das condições de trabalho acriticamente. Quando não estão satisfeitas com as condições de trabalho, abandonam e seguem para outro salão, ou para iniciativa própria.

# Hipótese 1

**Trabalhadores/as informais têm formas de organização e resistência coletiva que são pouco reconhecidas.**



## **MOTOBOYS**

- Estão acontecendo formas de associação que correm em paralelo aos sindicatos e são promovidas via redes sociais. São formas de organização distantes e até opostas aos sindicatos.
- Na informalidade também operam as referências que balizam a percepção sobre justiça, dignidade, limites do trabalho. Vemos nas entrevistas que são trabalhadores que lutam de forma fragmentada e individualizada, permanentemente, para colocar limites aos riscos de seu trabalho, às instabilidades, e centralmente, ao rebaixamento do valor de sua força de trabalho. Em determinados momentos – seja na formalidade ou informalidade – o trabalhador rompe com as relações de trabalho por não aguentar a carga de trabalho, por viver situações que considera injustas.
- Dificuldade de se organizar e manifestar quando se é autônomo.



## Hipótese 2

**A trajetória de vida do/a trabalhador/a informal é pouco conhecida, e se dá pelo trânsito entre formalidade, informalidade, empreendimentos familiares.**



### **AMBULANTES**

- A hipótese se comprova, exceto que a passagem pela formalidade, quando existe, não representa parcela significativa da trajetória do entrevistado ou da entrevistada.
- A questão de gênero salta aos olhos: todas as entrevistadas tem parte significativa de sua trajetória no mundo do trabalho vinculada a condição de trabalhadora doméstica, e duas das três iniciaram assim suas trajetórias. Maria foi trabalhadora doméstica por 13 anos, Sandra foi diarista por 9 anos antes de ser manicure e camelô, e voltou a ser diarista após o fechamento da Feirinha da Madrugada, e os 4 primeiros anos de Izabel no mundo do trabalho foram como trabalhadora doméstica.

## Hipótese 2

**A trajetória de vida do/a trabalhador/a informal é pouco conhecida, e se dá pelo trânsito entre formalidade, informalidade, empreendimentos familiares.**



### **CONFECÇÃO**

- Muitas vezes o trabalho exige a combinação da produção e a comercialização .
  - Experimentam várias formas de informalidade, desde o trabalho individual autônomo, pegando serviços direto de confecções, as facções ou fabricos, até as proprietárias de pequenas oficinas de costura que fornecem para confecções maiores.
- “Como a gente é uma confecção familiar, a gente mesmo se molda pela necessidade, a gente se divide, a gente tudinho faz uma coisa e ao mesmo tempo se você não for fazer esse trabalho, o outro já pega o seu lugar, tem uma divisão assim por prioridades, você é melhor nisso vai fazendo isso, mas não tem aquela, você só faz isso porque é moldado a fazer isso, a gente se molda a necessidade”.
- (Fem, Campina Grande, 35 anos)

## Hipótese 2

**A trajetória de vida do/a trabalhador/a informal é pouco conhecida, e se dá pelo trânsito entre formalidade, informalidade, empreendimentos familiares.**



### **CONSTRUÇÃO CIVIL**

- A hipótese se confirma, revelando uma trajetória de idas e vindas entre o trabalho formal e o trabalho informal, além de outras formas de geração de renda.

### **DOMÉSTICAS**

- Totalidade das entrevistadas teve ingresso no mercado de trabalho na ilegalidade (abaixo da idade mínima de 16/18 anos) e sem receber pagamento em dinheiro (trabalho infantil em condições análogas à escravidão).
- Há um trânsito frequente entre informalidade e formalidade, muitas vezes coexistindo as modalidades de formal, informal, autônoma registrada e autônoma sem registro.
- Ter namorado/marido é determinante, assim como ter filhos, na “opção” pelo acesso ao mercado informal
- A relação com patroas/patrões e seus filhos também conta bastante para a permanência ou não no emprego, mas para além, é decisiva para aceitar as condições de salário, jornada e tarefas.

## Hipótese 2

**A trajetória de vida do/a trabalhador/a informal é pouco conhecida, e se dá pelo trânsito entre formalidade, informalidade, empreendimentos familiares.**



### **MANICURES**

- As trajetórias variam muito, mas sempre em fluxo intenso entre formalidade e informalidade. Na formalidade ocupações de baixo nível formativo, precárias e desgastantes.

### **MOTOBOYS**

- Todos apresentam um trânsito muito significativo entre trabalho formal e informal. Destacam-se as estratégias e oportunidade que se formam mto distantes de um plano de carreira ou de uma identidade profissional bem definida. Passam por diversos setores, as oportunidades surgem com indicações de familiares, amigos, sindicato, entre outros.

## Hipótese 3

**Há a combinação simultânea pelo/a mesmo/a trabalhador/a entre trabalho formal e informal e outras atividades remuneradas.**



### **AMBULANTES**

- Não se verifica (Izabel nunca teve vínculo formal de trabalho; Sandra teve por 1 mês há cerca de 20 anos; Guilherme teve por apenas 5 meses; Agostinho teve apenas um emprego formal por 4 anos entre 1986 e 1990; Maria, que morou em Santo André, foi trabalhadora registrada no setor industrial por 12 anos, de 1980 a 1992). Todos exercem apenas uma atividade remunerada.

### **CONFECÇÃO**

- A hipótese se confirma especialmente no caso da combinação do trabalho de confecção com o trabalho de comercialização da produção.
- Há também o caso da trabalhadora que além de costurar, tem um brechó e um pequeno salão de beleza para complementar a renda.

### **CONSTRUÇÃO CIVIL**

- A hipótese se confirma.

## Hipótese 3

**Há a combinação simultânea pelo/a mesmo/a trabalhador/a entre trabalho formal e informal e outras atividades remuneradas.**



### **DOMÉSTICAS**

- A hipótese se confirma. Maria trabalha como doméstica com carteira assinada há cerca de 20 anos. Combina a isso o trabalho autônomo (venda de alimentos), além do trabalho como diarista e/ou trabalho de cuidado, ambos sem contrato formal, quando a oportunidade aparece.

### **MANICURES**

- Há um trânsito entre formalidade e informalidade, contudo, devido à longa jornada, cerca de 10h diárias, todas elas estão na informalidade, exercendo apenas esse tipo de trabalho atualmente. Jornadas de trabalho extensas, cerca de 10h dia, mas vistas sob a ótica de maleabilidade e de controle próprio das mesmas.

### **MOTOBOYS**

- Por vezes há uma simultaneidade. Ex.: Marcos, motoboy e sacoleiro, com uma atividade se alimentando da outra.

## Hipótese 4



**O desenvolvimento tecnológico vem impactando e modificando a organização e as relações de trabalho destes/as trabalhadores/as.**

### **AMBULANTES**

- Nenhum dos outros entrevistados mencionou o impacto da tecnologia em seu trabalho, e no universo pesquisado não parece haver significativas modificações causadas pelo desenvolvimento tecnológico.
- No caso de Izabel, essa hipótese se verifica de forma latente. Vendedora de bebidas e caldos (no inverno), utiliza o Facebook para localizar eventos (festas, blocos de carnaval, manifestações, etc.) e vender seus produtos.
- No caso de Agostinho, o declínio do CD fez com que optasse pelo foco nas camisetas de bandas de rock, e o entrevistado tem como plano estampar suas próprias camisetas em casa para reduzir custos;

### **CONFECÇÃO**

- Não foi possível notar.

## Hipótese 4



**O desenvolvimento tecnológico vem impactando e modificando a organização e as relações de trabalho destes/as trabalhadores/as.**

### **CONSTRUÇÃO CIVIL**

- Não foi possível notar.

### **DOMÉSTICAS**

- Não relatam sentir o impacto do desenvolvimento tecnológico nas relações de trabalho, destacando apenas mencionar que hoje o trabalho requer menos força e é feito mais rapidamente (diversos utensílios domésticos colaborando para o trabalho mais pesado).

### **MANICURES**

- Novidade da modalidade de atendimento via aplicativo. Avaliado positivamente pela trabalhadora, liberando-a de ter um ponto fixo e uma relação com donas de salão de cabeleireiros. O que pode configurar maior isolamento ainda.



## Hipótese 4



**O desenvolvimento tecnológico vem impactando e modificando a organização e as relações de trabalho destes/as trabalhadores/as.**

### **MOTOBOYS**

- Fortes e significativas mudanças advindas com os aplicativos, que operam como vetores da informalidade nessa categoria.
- O caso de Marcos é interessante, pois ele em realidade segue competindo – e tende a perder – com os principais agentes de promoção da informalidade, ou seja, ser um autônomo num universo onde tudo empurra o motoboy para trabalhar para aplicativos é muito difícil. De saída, no auge de sua carreira como motoboy, Marcos parecia mais distante da condição de um trabalhador informal, e mais próximo da categoria de um microempreendedor.



## Hipótese 5

### O/a trabalhador/a informal gostaria de se formalizar.

#### **AMBULANTES**

- Nenhum/a dos entrevistados/as manifesta esse desejo. Afirmam categoricamente que não há benefícios na formalização. Todos mencionam de alguma forma a baixa qualificação e a pouca ou nenhuma experiência formal como entraves para obter remunerações semelhantes às que conseguem na informalidade.
- “Até com relação a carteiras assinadas, só numa situação assim, Agostinho, eu vou te pagar R\$5.000,00, você vai ter esses benefícios, algumas coisas assim, aí até que eu poderia. Mas na situação atual de venda, de comércio, de tudo assim, do jeito que tá hoje infelizmente. Ninguém está conseguindo pagar salário alto assim, salário assim, ideal. Tem um órgão, eu acho que um órgão intersindical chamado DIEESE, que eles fazem esse tipo de estudo. Quando monta uma família com um filho ou dois filhos, assim, de cesta-básica, aluguel, de tudo, o salário mínimo era para estar, sei lá, R\$3.000,00, R\$4.000,00, para poder até sustentar, agora o salário mínimo que está R\$1.000,00 e pouco”. (Agostinho)

## Hipótese 5

# O/a trabalhador/a informal gostaria de se formalizar.



### CONFECÇÃO

- Em um primeiro momento há a defesa do trabalho autônomo, ainda que informal, ancorada na inexistência de hierarquias, prestação de contas, disciplina rígida, e de um horário mais flexível. Contudo, conforme falam sobre o trabalho formal/informal, revelam apreço pelos poucos direitos trabalhistas que a formalidade poderia lhes conferir, especialmente FGTS e seguro desemprego.
- “É mais confortável trabalhar em casa [...] Porque eu acho que dentro do fabrico, primeiro você não pode conversar você tem que estar ali calada, você tem que prestar o seu serviço, você tem hora de pegar, você tem hora de largar, e em casa não, em casa você trabalha a hora que você quer, pega a hora que quer, vai até a hora que quer, se você quiser sair você sai. Você tem que dar satisfação [no fabrico] eu vou ali sendo que eu já trago atestado. Não, em casa é mais agradável é mais vantagem de você trabalhar em casa [...] Mais puxado é você trabalhar em casa, até tem hora que você ganha até mais do que você estar dentro de um fabrico, a única vantagem no fabrico é porque você tem INSS pago, você tem seguro desemprego, você tem FGTS quando você sair, e você trabalha para você, você não tem iss” (Fem, Caruaru, 33 anos, parda).

## Hipótese 5

**O/a trabalhador/a informal gostaria de se formalizar.**



### **CONSTRUÇÃO CIVIL**

- Essa contante só é confessada sob certo escrutínio, mas ainda assim, para uma certa resistência em assumir a preferência pela CLT.

### **DOMÉSTICAS**

- Não relatam vontade de formalização, apesar de reconhecer a importância de direitos que a CLT poderia garantir. Contudo compreendem que após a PEC da Domésticas há uma dificuldade grande em manter o emprego e/ou o nível salarial o que utilizam como justificativa para uma certa conformidade em serem trabalhadoras informais.

## Hipótese 5

### O/a trabalhador/a informal gostaria de se formalizar.



#### MANICURES

- Aparece como muito característico as tensões sobre uma garantia de renda fixa e direitos trabalhistas, tais como 13º e férias colidindo com o desejo de autonomia sobre os horários e com a possibilidade de maiores ganhos financeiros.
- Relatam não quererem se formalizar. Apenas uma delas afirma querer um trabalho formal, como etapa para depois ter seu próprio negócio. Preferem as possibilidades de maiores rendimentos financeiros, maior liberdade de jornada e horários, e de forma de exercer o próprio trabalho.
- Revelam incerteza e angústia sobre a variação mensal da remuneração, em contraposição ao argumento positivo da remuneração pelo serviço ser feita diretamente para elas, em dinheiro, assim que ele é realizado.
- Falam com orgulho sobre serem suas próprias chefas e não serem subordinadas.

## Hipótese 5

### O/a trabalhador/a informal gostaria de se formalizar.



#### MOTOBOYS

- Há uma busca constante em fugir das hierarquias e opressões identificadas com o trabalho formal, relacionadas a uma ideia de que ser trabalhador por conta própria significaria eliminar o mediador que explora e subordina.
- Por outro lado, também é expressa a vontade de se formalizar:
  - “Eu preferia estar de carteira assinada, porque o dia que não desse mais certo aqui eu ia sair de lá recebia os meus direitos e ia conseguir me manter por uns tempos, e agora se eu sair de lá eu saio com uma mão na frente e outra atrás, eu não vou ter nada guardado, e tipo eu saio de lá hoje e no outro dia eu já tenho engajar em outro, se eu ficar parado só Deus sabe o que vai acontecer.” (Rodolfo)
  - “Com certeza carteira assinada que, como eu estou falando, ele te dá poder de negociação, querendo ou não te estabiliza.” (Diones)



## Hipótese 6

**O MEI funciona mais como veículo de informalização do que de formalização do trabalho.**

- ▶ Domésticas: Nas domésticas o veículo de informalização foi, contraditoriamente, a PEC das Domésticas. Uma delas possui MEI como comerciante mas não está ativa.
- ▶ Manicures: No caso das manicures, apenas uma dela possui MEI, quando na atividade de feirante, que mudou o ramo de atividade quando abriu o salão, e já estava há anos na informalidade, sem utilizar o MEI. Então o MEI serve, para ela, no momento, como formalização.
- ▶ Ambulantes: O MEI é mencionado por um dos entrevistados como uma forma de poder contratar um funcionário ou poder ter acesso às máquinas de cartão de crédito. Outros 2 criaram, mas regularizam o CNPJ de forma esporádica.
- ▶ Mototaxi/Motoboy: As contradições do MEI e da informalidade. Fuga das hierarquias e opressões, ser trabalhador por conta própria mtas vezes significa eliminar o mediador que te explora e te subordina. Neste sentido o MEI funciona como veículo importante. Por outro lado, é uma condição, especialmente no caso do motoboy, que lhe deixa totalmente desprotegido num trabalho extremamente arriscado.
- ▶ Construção: Hipótese comprovada.
- ▶ Confecção: Há formalização, não necessariamente via MEI. Há empresas com sócias e com funcionários.



# Hipótese 7

## A Reforma Trabalhista tem impactos sobre o trabalho informal.

- ▶ Domésticas e Manicures: Nas categorias estudadas, o maior impacto foi a PEC das Domésticas e a Reforma da Previdência, mesmo que ainda não implementada, já gerando fortes desconfianças sobre o futuro da aposentadoria pública.
- ▶ Ambulantes: As poucas menções à reforma trabalhista se dão no plano do discurso de oposição ao governo Temer e ao então candidato Bolsonaro feito por dois dos entrevistados. Nenhum mencionou impacto sentido após o vigor da nova legislação.
- ▶ Mototaxi/Motoboy: Isso não aparece de forma clara, os impactos da reforma.
- ▶ Construção: Hipótese comprovada.
- ▶ Confecção: Não foi possível verificar, dado não consta nas apresentações.





# Hipótese 8

**O trabalho informal está conectado à alguma cadeia produtiva.**

- ▶ Domésticas e Manicures: Muito difícil conectar os serviços domésticos e de manicure a uma cadeia produtiva. O emprego doméstico, nesse caso, parece relacionar-se muito mais à uma necessidade de manutenção da divisão sexual do trabalho, configurada com a entrada das mulheres no mercado de trabalho produtivo e não entrada dos homens no trabalho reprodutivo.
- ▶ Ambulantes: Desde o trabalho mais artesanal de uma das entrevistadas até um comerciante informal de uma grande feira de São Paulo, todos se relacionam com cadeias produtivas, a maioria repleta de informalidade.
- ▶ Mototaxi/Motoboy: Quanto à cadeia produtiva – pensar na alimentação, nos remédios, no mercado financeiro e imobiliário. Além do transporte de pessoas.
- ▶ Construção: Hipótese comprovada.
- ▶ Confecção: Do sul trabalham mais por conta própria. Ao passo que as do nordeste tem maior vínculo com cadeia produtiva de vestuário.



## Hipótese 9

**Estes/as trabalhadores/as tiveram um incremento em seus rendimentos na última década, agora enfrentam um movimento regressivo.**

- ▶ **Domésticas e Manicures:** Em formas de relatos objetivos ou sem reconhecerem, é fato que suas vidas mudaram durante os Governos Lula e Dilma. Entrada delas ou dos filhos em universidades públicas federais ou pelo PROUNI. Conquista da casa própria via financiamento ou Minha Casa Minha Vida. Aumento do poder de compra. Nenhum medo do desemprego nesses anos. Situação que começa a estagnar ou piorar após o impedimento de Dilma.
- ▶ **Ambulantes:** Apenas um dos entrevistados viu melhora nos negócios apesar da crise: segundo ele, o desemprego e a piora na renda fez com que aumentasse o número de “sacoleiros”, seus principais clientes na madrugada. Os outros todos estão com grandes dificuldades financeiras.
- ▶ **Mototaxi/Motoboy:** Isto está evidente em todas as entrevistas, se dá tanto pela crise quanto pela atuação mais agressiva dos aplicativos.
- ▶ **Construção:** Hipótese comprovada.
- ▶ **Confecção:** Não foi possível verificar, dado não consta nas apresentações.



# Hipótese 10

**As suas condições de trabalho não melhoraram significativamente na última década.**

- ▶ Domésticas e manicures: Em ambas categorias as trabalhadoras relatam ter melhorado suas condições de trabalho. Seja diminuindo, quase que involuntariamente a jornada, no caso das domésticas, ainda que às custas da formalidade, seja com melhores acessos a clientes, e até a conquista do negócio próprio no caso das manicures.
- ▶ Ambulantes: O trabalho segue exaustivo e por muitas vezes degradante. Houve momentos de aumento de faturamento e conseqüentemente da renda, mas sempre com jornadas de mais de 10 horas por dia e nenhum grau de seguridade social.
- ▶ Mototaxi/Motoboy:
- ▶ Construção: Hipótese comprovada.
- ▶ Confecção: Há menção aos governos do PT como positivos e com favorecimento aos trabalhadores. Mas não há menção específica à hipótese nas apresentações.

# Equipe Responsável

## Supervisão:

Ludmilla Costhek Abílio

## Coordenação Executiva:

Paulo César Ramos

Vilma Bokany

Lea Marques

Matheus Tancredo Toledo

## Pesquisadores e Pesquisadoras

Ana Márcia Batista Almeida Pereira

Beatriz Pereira dos Santos

Bruno Mota Braga

Carla Caroline Barisão de Souza

Felipe Rangel Martins

Jordão Nunes

Juliana Andrade Oliveira

Juliane Acquaro

José Trindade

Lígia Carvalho de Sillos Bufaiçal

Lucia Mury Scalco

Marcelo Carneiro

Maria Aparecida Sanches S. Jorge

Mariana Moreira Serra Pereira

Mauricio Rombaldi

Ramón Chaves Gomes

Thiago Brandão Peres